

## PAULO: O HOMEM E SUAS EPÍSTOLAS

D. A. Carson, Douglas J. Moo e Leon Morris, *Introdução ao Novo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 1997), pp. 241-266.

Paulo é um personagem tão importante no Novo Testamento e na história da igreja que tem sido chamado de o segundo fundador do cristianismo. É claro que isso não é a verdade, pois desconsidera a continuidade entre Jesus e Paulo e menospreza injustamente as contribuições de homens tais como Pedro, João e Lucas. Mas não há dúvida de que Paulo desempenhou um papel vital no crescimento e estabelecimento da igreja e na interpretação e aplicação da graça de Deus em Cristo. E Paulo continua a nos ministrar hoje em dia por meio das suas 13 epístolas que se tornaram parte do cânon do Novo Testamento. Essas epístolas constituem quase um quarto do Novo Testamento, colocando Paulo logo atrás de Lucas em porcentagem do Novo Testamento escrita por um único indivíduo. E, caso se acrescentem os 16 capítulos de Atos (13-28) que são quase inteiramente dedicados a Paulo, este aparece em quase um terço do Novo Testamento.

### OS ANTECEDENTES DE PAULO

Quem foi esse homem chamado Paulo? Estudar seus antecedentes e formação ajudar-nos-á a compreendê-lo melhor e a interpretar com maior precisão as suas palavras. O próprio Paulo apresenta um esboço rudimentar de sua origem e formação, mas em suas epístolas esses dados acham-se dispersos. Os detalhes históricos básicos estão convenientemente agrupados nos discursos que Paulo proferiu (relatados por Lucas) diante de uma multidão hostil de judeus nos degraus do templo (At 22.1-21), do rei Agripa II e do procurador Romano Festo (At 26.2-23). (A respeito do valor histórico desses dados em Atos, veja abaixo, sobre a cronologia da carreira missionária de Paulo, e o cap. 6 acima).

*"Nasci em Tarso da Cilícia" (At 22.3)*

Tarso era a principal cidade da Cilícia, uma região no extremo sudeste da Ásia Menor. Nos dias de Paulo a cidade era a capital da província romana da Síria - Cilícia (veja Gl 1.21). Era uma cidade próspera, privilegiada (era isenta da tributação romana) e culta, sendo famosa por pelas escolas. Paulo não apenas nascera em Tarso, mas era também cidadão dessa "cidade não insignificante" (At 21.39).

No entanto, o mais importante era o fato de que Paulo era cidadão de Roma. Os romanos não concediam cidadania simplesmente a qualquer um; apenas uma pequena porcentagem das pessoas que viviam dentro do Império Romano possuíam esse privilégio. Paulo herdou de sua família a cidadania romana (Paulo afirma: "eu tenho [o título de cidadão] por direito de nascimento" [At 22.281] ' talvez devido a algum serviço importante prestado aos romanos por seu pai ou avô. Qualquer que tenha sido a maneira como foi conseguida, a cidadania romana de Paulo foi uma qualificação importante e providencial em seu papel de missionário ao Império Romano. Ela permitiu-lhe livrar-se da prisão quando sua pregação despertou antipatia (At 16.37-39), evitar castigo (At 22.23-29) e defender sua causa perante o tribunal do imperador em Roma (At 25.10?12). Na condição de cidadão romano, Paulo possuía três nomes: um prenome (*praenomen*), um nome de família (*nomen*) e um sobrenome (*cognomen*). Destes conhecemos apenas seu *cognomen*, Paulos (Paulo). A cidade natal de Paulo também pode tê-lo conduzido à profissão que ele tinha. Um produto local, o *cilicium*, era empregado na fabricação de ten-

das, e Lucas nos conta que a profissão do próprio Paulo era "fazer tendas" (At 18.3). Presumivelmente foi essa a atividade que Paulo desenvolveu durante seu trabalho missionário para não ser pesado às igrejas com seu sustento (e.g., 1 Ts 2.9).

*"Criei-me Nesta Cidade" (At 22.3)*

Essa frase, no discurso que Paulo proferiu nos degraus do templo, tem dado margem a um debate sobre se os primeiros anos de Paulo foram passados em Tarso ou em Jerusalém. A questão tem atraído tanta atenção porque está presente no debate sobre o mundo ideológico de Paulo: seu ensino tinha sofrido maior influência do mundo grego ou do mundo judaico? A contribuição dessa frase para o debate depende de duas questões. Primeiramente, "esta cidade" refere-se à cidade em que Paulo está falando (Jerusalém) ou àquela que acabou de mencionar (Tarso)? Nigel Turner defende esta última, mas a primeira é mais provável, levando-se em conta o local do discurso de Paulo. A segunda questão é a pontuação do versículo, sendo que as duas possibilidades são claramente representadas pela NVI e ARA.

NVI: Sou judeu, nascido em Tarso da Cilícia, mas criado nesta cidade. Fui instruído rigorosamente por Gamaliel na lei de nossos antepassados...

ARA: Eu sou judeu, nasci em Tarso da Cilícia, mas criei-me nesta cidade e aqui fui instruído aos pés de Gamaliel, segundo a exatidão da lei de nossos antepassados...

A NVI, ao colocar ponto final depois de "nesta cidade", faz separação entre "criado" e "aos pés de Gamaliel", sugerindo que "criado" refere-se à educação que Paulo recebeu dos pais quando criança. Paulo estaria, então, deixando implícito que, embora nascido em Tarso, fora criado em Jerusalém. Por outro lado, a tradução da ARA, ao ligar "criei-me" com "aos pés de Gamaliel", requer que "criei-me" designe a educação rabínica de Paulo, um processo que teria começado no início da sua adolescência. Com base nessa interpretação do versículo, Paulo talvez estivesse sugerindo que fora criado em Tarso, tendo se mudado para Jerusalém somente quando saiu para estudar.

Contudo, deve-se provavelmente adotar a pontuação da NVI. A seqüência em três etapas - nascido/criado instruído - era um padrão autobiográfico natural. Mesmo assim, isso não soluciona a questão nem é o ponto decisivo no debate sobre os antecedentes e formação de Paulo. Por um lado, Paulo teria tido amplas oportunidades de absorver idéias helenísticas durante sua instrução em Jerusalém (o helenismo não era de forma alguma desconhecido em Jerusalém) ou durante seu ministério de cerca de dez anos em Tarso, após a conversão. Por outro lado, mesmo que Paulo tenha passado aproximadamente os dez primeiros anos de sua vida em Tarso, ele não foi necessariamente influenciado por idéias helenísticas. O próprio Paulo destaca que era um "hebreu de hebreus" (Fp 3.5), com o que aparentemente queria dizer que tanto seus pais quanto ele próprio tinham, lingüística e culturalmente, uma orientação judaica e palestina (veja 2 Co 11.22 e o contraste entre hebreus e helenistas em At 6.1). No lar em que ele foi criado, localizado quer em Tarso quer em Jerusalém, falava-se aramaico preservava-se os costumes judaicos tradicionais da Palestina. De forma que, os antecedentes e formação de Paulo que influenciaram sua teologia foram principalmente palestinas e judaicas. Mas, mesmo tendo dito isto, também devemos ter o cuidado de não erguer rígidas distinções entre "helenístico" e "palestino" ou entre "helenístico" e "judeu". Que havia uma diferença é algo claramente implícito nas próprias declarações de Paulo. Mas, pelo nível de pene-

tração de idéias helenísticas na Palestina e no judaísmo no século i, é evidente que é possível exagerar essa diferença. "Na antiguidade as idéias não fluíam como petróleo em oleoduto" e em seu mundo Paulo esteve sujeito a diferentes influências e combinações de influências.

*"Fui instruído [...] segundo a exatidão da lei de nossos antepassados, [...] zeloso para com Deus" (At 22.3).*

Paulo era "hebreu de hebreus" não apenas por nascimento, mas, como não se cansava de ressaltar (veja também At 26.5; Gl 1.14; Fp 3.5-6), ele era alguém que seguia o judaísmo com seriedade e zelo, um membro da sua "seita mais severa" (At 26.5), a dos fariseus. Embora os estudiosos diverjam consideravelmente sobre muitos aspectos do farisaísmo do século I diversas coisas são relativamente claras. Os fariseus davam muita atenção à "lei oral", às "tradições dos anciãos" (Mt 7.3 e trechos paralelos), um conjunto de regras que tinham o propósito de interpretar e suplementar a lei mosaica escrita. Tinham várias divergências fundamentais com os saduceus, provenientes da maior disposição que os fariseus tinham de aceitar doutrinas que não estavam claramente expressas no Pentateuco (e.g., a ressurreição do corpo; veja At 23.6-8). Exerciam grande influência sobre o povo em geral, que respeitava o zelo deles em suas convicções e o seu desejo de santificar todos os aspectos da vida." Paulo foi instruído por Gamaliel I (veja At 26.3), um fariseu da escola de Hillel. Este e seus seguidores eram em geral conhecidos por seu liberalismo, uma atitude que é vista no conselho dado por Gamaliel ao Sinédrio em relação à igreja primitiva (At 5.34-39). Parece que Paulo divergiu de seu professor nesse aspecto. Como o próprio Paulo repetidas vezes reconhece, seu zelo pelo judaísmo levou-o a perseguir o movimento cristão primitivo (e.g., At 22.4a; 26.9-11; Gl 1.13; Fp 3.6). Mas é possível que, no final das contas, Paulo não tenha divergido tanto assim de seu professor. O conselho de Gamaliel foi dado antes do incidente com Estêvão que revelou até que ponto alguns dos cristãos estavam dispostos a passar sem a lei e o templo. Pode bem ser que tenha sido esse desdobramento que colocou Paulo (e talvez outros fariseus) contra o movimento cristão que estava começando a levantar vôo.

*"Já Perto de Damasco" (At 22.6)*

O perseguidor de cristãos foi transformado no mais destacado pregador de Cristo devido a um inesperado confronto com o Jesus ressuscitado na estrada de Damasco. A experiência de Paulo na estrada de Damasco é descrita uma vez por Lucas (At 9.3-6), duas vezes por Paulo em Atos (22.6-11 e 26.12-15) e uma vez por Paulo em suas epístolas (Gl 1.15-16). Além dessas descrições claras, outras alusões a esse acontecimento provavelmente são encontradas em muitos textos de Paulo. Diversos estudiosos têm proposto que o acontecimento e suas implicações tiveram um papel fundamental na formação de grande parte da teologia de Paulo. O encontro de Paulo com Cristo não foi uma experiência meramente psicológica nem mesmo uma visão da parte de Deus. Os companheiros de Paulo viram o clarão forte, embora não tenham visto o próprio Jesus (veja At 9.7 comparado com 22.9), e ouviram, mas não entenderam, a voz (cf. At 9.7 comparado com 22.9).<sup>15</sup> Ademais, Paulo deixa claro que esse aparecimento do Jesus ressurreto em nada era diferente dos aparecimentos a Pedro e aos outros nos dias entre a ressurreição e a ascensão de Jesus (1 Co 15.5-8; veja também 9.1).

A "revelação" [*apokalypsis*] de Cristo a Paulo ocorreu sem qualquer preparativo. Paulo não oferece qualquer indicação de que, antes desse momento, ele estivesse de alguma maneira insatisfeito com suas convicções judaicas ou procurando uma experiência mais profunda com Deus. Os textos que às vezes pensa-se que apontam para um período pre-

paratório são melhor interpretados de outra maneira. Quando Paulo é advertido pela voz celeste de que "dura coisa é recalcitrares contra os aguilhões" (At 26.14), o significado disso não é que Paulo vinha resistindo à persuasão pelo Espírito, mas que agora ele não deveria resistir à vontade de Deus expressa na revelação vinda dos céus. Romanos 7.14-25 também não se refere a uma luta psicológica anterior à conversão. Pelo contrário, as descrições da experiência de Atos e também as alusões que Paulo faz, em Filipenses 3.3-11, a essa experiência sugerem uma transformação repentina e impressionante de um judeu zeloso e perseguidor da igreja em um seguidor de Jesus.

O encontro na estrada de Damasco transformou Paulo em mais do que um seguidor de Jesus; transformou-o num pregador de Jesus. Embora o relacionamento entre os dois papéis não seja expresso da mesma maneira em todos os relatos, cada um deles deixa claro que a conversão de Paulo foi também um chamado para o ministério (At 9.15; 22.15; 26.15-18; e Gl 1.16). Alguns, na verdade, têm chegado ao ponto de sustentar que essa revelação foi propriamente uma experiência de "chamado" e de modo algum uma experiência de "conversão". Mas qualquer que seja o grau de continuidade entre o judaísmo e o cristianismo, o Novo Testamento deixa claro que os dois são mutuamente distintos, que a salvação é encontrada somente dentro do cristianismo. A mudança de um para o outro é, então, apropriadamente chamada de conversão. Para Paulo, contudo, a conversão e o chamado estavam intimamente ligados. Como Johannes Munck ressaltou, Paulo via a si mesmo como um instrumento especial nas mãos de Deus, alguém que, à semelhança dos profetas Isaías e Jeremias no Antigo Testamento, teria um importante papel a desempenhar na história da salvação. À luz disso é significativo que, conquanto o ministério aos judeus certamente esteja incluído no chamado de Paulo (veja At 9.15), muitas vezes o próprio Paulo enfatiza que esse chamado foi mais especialmente para pregar aos gentios (Gl 1.16; 1 Ts 2.4; Rm 11, 5; 15.15-16). A missão de levar o evangelho aos gentios foi básica no chamado de Paulo e em ser ele escolhido como instrumento para ser usado por Deus.

## **A AUTORIDADE DE PAULO E AS ORIGENS DE SEU PENSAMENTO**

### *A Autoridade de Paulo*

Era fundamental para o ministério de Paulo a consciência de que era um apóstolo. Como os outros apóstolos, ele havia visto o Senhor (1 Co 9.1), e o próprio Senhor, e não um ser humano, havia chamado Paulo ao apostolado (e.g., Gl 1.1). Por ser um apóstolo por chamado divino, Paulo podia reivindicar uma autoridade igual à de Pedro, Tiago, João e o restante dos doze - que os adversários de Paulo haviam rotulado de "super - apóstolos" (2 Co 11.5 NVI). Paulo escreve cada uma de suas cartas com consciência dessa autoridade apostólica. É verdade que às vezes Paulo é capaz de fazer distinção entre seu ensino e o ensino do Senhor (e.g., 1 Co 7.6, 10, 12; 2 Co 11. 17), e em nenhum momento Paulo deixa transparecer que achava que suas cartas eram Escrituras inspiradas. Apesar disso, ao fazer diferença entre seu ensino e o do Senhor, Paulo não sugere que o seu ensino tenha menos autoridade. E, embora talvez não tenha consciência de estar escrevendo Escritura inspirada, a condição apostólica de Paulo permite-lhe interpretar as Escrituras do Antigo Testamento com liberdade soberana e fazer a seu povo exigências que considerava tão obrigatórias como qualquer parte das Escrituras.

*As Origens do Ensino de Paulo*

**Revelação versus tradição.** Qualquer debate sobre as fontes que Paulo empregou em seu ensino tem de levar em conta a afirmação do apóstolo de que seu evangelho veio "mediante

revelação de Jesus Cristo" (*di' apokalypseōs Iésou Christou*, Gl 1.12). Essa "revelação" refere-se ao aparecimento de Cristo a Paulo na estrada de Damasco (veja 1.16). Paulo deixa claro que o evangelho que havia ensinado aos gálatas viera dessa maneira, não por intermédio de qualquer ser humano. O evangelho de Paulo era sobrenatural, e jamais deveremos nos esquecer dessa afirmação. Sem, contudo, desconsiderar essa afirmação, devemos reconhecer que em outras oportunidades Paulo indica, no que diz respeito ao seu ensino, a sua dívida com cristãos que o precederam. Em 1 Coríntios 15.1-3, por exemplo, Paulo afirma o seguinte acerca do evangelho que ele pregou aos coríntios: "Antes de tudo, vos entreguei o que também recebi (*parelabon*)". O verbo que Paulo emprega aqui, *paralambanô* ("receber"), corresponde à expressão que os rabinos utilizavam para descrever como transmitiam tradições. O que parece que Paulo está afirmando é que elementos de seu ensino evangélico, como a verdade sobre a morte, sepultamento e ressurreição de Cristo (1 Co 15.3-5), foram-lhe passados por outras pessoas.

Alguns têm visto uma contradição nessas afirmações de Paulo, mas não é difícil resolver a dúvida. Precisamos fazer distinção entre essência e forma. A essência do evangelho, que Jesus de Nazaré foi verdadeiramente o Filho de Deus, foi algo revelado a Paulo num instante transformador de vida na estrada de Damasco. E essa verdade tinha implicações de longo alcance. Entre outras coisas, os cristãos que Paulo vinha perseguindo deviam na verdade estar certos. E, ainda, agora que o Messias viera, a lei já não mais poderia estar no centro dos propósitos de Deus. Assim era o caso especialmente porque a própria lei pronunciou uma maldição sobre Jesus, visto que ele fora "pendurado no madeiro" (veja Gl 3.13 e Dt 21.23). De sorte que Paulo foi levado a concluir que não mais seria possível impor a lei como condição para ser membro do povo de Deus (veja Gálatas). Entretanto, a forma do evangelho, inclusive o quadro histórico dos eventos nos evangelhos, determinadas expressões empregadas para exprimir a nova verdade e indubitavelmente muitas outras coisas foram transmitidas a Paulo por aqueles que o antecederam.

**Tradições Cristãs Primitivas.** Não dispomos de meios para identificar exatamente quais das primeiras tradições cristãs a respeito de Jesus estiveram ao alcance de Paulo, embora com certeza possamos supor que muitos dos fatos históricos e ênfases teológicas encontradas nos discursos de Atos 1-8 foram transmitidos a Paulo por Pedro e outros crentes durante os 15 dias que Paulo esteve com eles três anos depois da sua conversão (Gl 1.18). Como vimos, 1 Coríntios 15.3 e ss. utiliza expressões que se referem ao recebimento e à transmissão de tradições.

As próprias cartas de Paulo podem, contudo, dar-nos maiores informações sobre as tradições que ele usou. Afirma-se que, por meio de análise estilística e teológica, podemos identificar, dentro das cartas de Paulo, várias confissões de fé dos primeiros cristãos, hinos e material catequético tradicional. Padrões incomuns de vocabulário, ritmo e poesia e ênfases não - paulinas são os critérios empregados para identificar tradições cristãs anteriores que Paulo pode ter citado." Filipenses 2.6-11, para mencionar uma das mais famosas dessas supostas citações, contém algumas palavras incomuns (e.g., *harpagmos*, "apegar-se", v. 6), encaixa-se em linhas de comprimento semelhante que são passíveis

de serem dispostas em um padrão hínico e introduz idéias cristológicas não encontradas em qualquer outro trecho de autoria de Paulo.

Filipenses 2.6-11 é, então, provavelmente um hino cristão antigo que Paulo citou (embora seja igualmente possível que o próprio Paulo seja o autor). Também é provável que haja outras citações semelhantes nas cartas de Paulo. Quer para estabelecer uma base comum com seus leitores quer para mostrar sua aceitação do ensino cristão primitivo em geral, para Paulo seria bem natural fazer citações a partir dessas fontes - assim como hoje em dia um pregador pode citar credos cristãos antigos, hinos e coisas do gênero. Devemos, porém, registrar duas palavras de cautela quanto a essas fontes. Em primeiro lugar, devemos ter o cuidado de não exagerar nossa capacidade de identificar tais trechos. É difícil e com frequência impossível traçar a linha divisória entre a citação de uma tradição pré-existente e o uso de linguagem tradicional na nossa própria redação. Em segundo lugar, devemos ter o cuidado de não utilizar dados inevitavelmente especulativos sobre essas tradições, tais como o local de origem ou a tendência teológica, para chegar a conclusões exegéticas e teológicas. Simplesmente não sabemos o suficiente para justificar esses procedimentos.

**O Jesus terreno.** Por detrás da tradição cristã antiga achava-se o ensino do próprio Jesus. Até que ponto o Jesus terreno constituiu uma fonte para o ensino de Paulo? Alguns têm proposto que Jesus não contribuiu com absolutamente nada. O mais famoso defensor desse ponto de vista é Rudolf Bultmann, que interpreta 2 Coríntios 5.16 com o sentido de que Paulo não possuía qualquer interesse pelo "Jesus da história". Está claro que não é esse o sentido do versículo. Na verdade Paulo está afirmando que ele já não considera Cristo "de um ponto de vista mundano". Apesar disso o fato é que só raramente Paulo menciona um evento (além da morte e ressurreição de Jesus) ocorrido no ministério de Jesus e também só raramente faz citações do ensino de Jesus. Isso, entretanto, nem sempre significa que o ensino de Paulo não seja influenciado pelo de Jesus. Há bons motivos, por exemplo, para pensar que o ensino escatológico de Paulo em 1 Tessalonicenses 4-5 e 2 Tessalonicenses 2 depende até certo ponto ao Sermão Profético (Mc 13 e passagens paralelas). Já há bastante tempo tem-se reconhecido que o ensino ético de Romanos 12 possui muitas semelhanças com o Sermão do Monte. Paulo, então, certamente conhecia e usava mais do ensino de Jesus do que uma simples contagem de suas citações sugere. O mais importante é que é possível demonstrar que aspectos essenciais da teologia de Paulo são compatíveis com os ensinamentos de Jesus e talvez sejam dependentes deles.

**O Antigo Testamento.** Que Paulo, na formulação de seu ensino, tinha uma profunda dívida com o Antigo Testamento é indicado pelas mais de 90 citações do Antigo Testamento em suas cartas." Talvez, contudo, ainda mais importantes sejam as muitas alusões ao Antigo Testamento - lugares em que Paulo emprega a linguagem do Antigo Testamento sem citar diretamente - e o grau incalculável em que o Antigo Testamento moldou o mundo conceitual de Paulo. Este, naturalmente, emprega o Antigo Testamento seletivamente e interpreta-o num contexto específico, lendo-o através das lentes do cumprimento, em Jesus, "da lei e dos profetas".

**O Mundo Grego.** Os estudiosos do século XIX frequentemente interpretavam Paulo tomando por contexto o considerável conhecimento que possuíam da literatura e filosofia gregas clássicas. Pressupunha-se que Paulo devia muito das suas idéias ao mundo grego em que foi criado e em que trabalhou. No início do século XX as atenções foram

se estreitando à medida que a escola da história das religiões foi destacando que Paulo recorria as religiões de mistério helenísticas. Essas religiões, bastante populares nos tempos de Paulo, enfatizavam a capacidade das pessoas de terem um relacionamento místico com uma divindade, por meio de rituais secretos de mistério e, com frequência, uma empolgação ou êxtase religiosa. Estudiosos tais como Richard Reitzenstein, Wilhelm Bousset e Rudolf Bultmann identificaram muitos desses aspectos nas cartas de Paulo e chegaram à conclusão de que, em níveis variados, Paulo havia modelado seu ensino sobre Cristo tendo por base as categorias fornecidas por essas religiões. Em sua forma mais extremada, afirmava-se que Paulo havia transformado drasticamente a mensagem de Jesus, que era simples e de ênfase ética, numa religião especulativa e mística.

Onde quer que tenha sido criado (veja acima), Paulo deve ter conhecido bem o mundo grego, e é de esperar que ele viesse a empregar a sua linguagem para expressar a importância de Cristo e até mesmo que tomasse emprestados os seus conceitos quando pudessem ajudar a iluminar aspectos do evangelho. Mas é improvável que, no sentido estrito, devamos considerar o mundo grego como uma fonte dos ensinamentos de Paulo. Ele às vezes fornecia a vestimenta, mas raramente ou mesmo nunca o corpo de ensinamentos que era vestido. É especialmente improvável a hipótese de que Paulo tomou emprestadas idéias originárias nas religiões de mistério. Os paralelos simplesmente não são muito próximos, e é possível explicar cada um dos supostos casos de empréstimo mais satisfatoriamente em outros termos.

**Judaísmo.** Como reação contra a tendência de interpretar Paulo em função do mundo grego ou helenístico, muitos estudiosos têm insistido que o mundo de Paulo era um mundo judaico e que o judaísmo deve ter exercido imensa influência em seus ensinamentos. C. G. Montefiore propõe que o judaísmo helenístico da infância de Paulo em Tarso foi um fator fundamental. (Mesmo que não tenha sido criado em Tarso, Paulo passou a maior parte da sua vida adulta na Diáspora.) Albert Schweitzer acredita que o judaísmo apocalíptico é a chave para entender o ensino de Paulo, ao passo que W. D. Davies ressalta o judaísmo rabínico e o farisaísmo. Hoje em dia os estudiosos estão bem menos dispostos a estabelecer claras distinções entre, digamos, o judaísmo palestino e o judaísmo helenístico, ou entre o judaísmo apocalíptico e o judaísmo farisaico. Sem justificar as distinções que são apresentadas em termos absolutos, podemos dizer que hoje em dia geralmente se aceita que o mundo conceitual de Paulo foi moldado decisivamente por sua criação judaica. Deve-se aceitar que a própria declaração de Paulo de que era "hebreu de hebreus" e um fariseu tem reconhecidamente um peso decisivo nessa questão. Como vimos, os conceitos básicos de Paulo são extraídos do Antigo Testamento, e Paulo havia aprendido o Antigo Testamento no contexto do judaísmo dos seus dias. No entanto, a conversão de Paulo obrigou-o a uma completa reavaliação de suas crenças; o que o seu ensino indubitavelmente deve ao judaísmo é resultado de uma escolha deliberada e não de uma transportação inconsciente do judaísmo para sua nova fé.

## A CARREIRA MISSIONÁRIA DE PAULO E SUA CRONOLOGIA

### *O Problema das Fontes*

Embora se refira ocasionalmente a eventos anteriores de sua vida, a viagens passadas e a planos futuros, em suas cartas Paulo não nos fornece o tipo de informação necessário para reconstruirmos uma "vida de Paulo". Isso não é nada mais do que seria de esperar. Paulo escreveu suas cartas para tratar de temas específicos e, só quando era importante para esses temas ou quando estava pedindo oração em favor de certa situação, é que ele

menciona sua própria história. Tradicionalmente, então, um esboço da carreira missionária de Paulo tem sido elaborado com base nos dados mais detalhados e seqüencialmente organizados de Atos, com as cartas de Paulo encaixadas no esquema geral apresentado por Lucas. Mas diversos estudiosos contestam a legitimidade de semelhante abordagem. Sustentam que as cartas de Paulo é que fornecem os dados básicos para uma reconstrução da sua vida e que Atos, já que sua exatidão histórica é questionável, só deve ser usado nos lugares específicos em que se pode comprovar sua exatidão ou quando corrobora dados obtidos pelo estudo das cartas.

Esboços e cronologias da carreira de Paulo preparados com base nessas restrições são bem diferentes dos de modelos tradicionais. Existem duas esferas em particular em que a maioria dos modelos revisionistas diverge da cronologia usual estabelecida com base em Atos. A primeira é a data do concílio apostólico. Lucas o coloca antes da segunda viagem missionária, mas alega-se que os dados das epístolas sugerem que o concílio ocorreu após a segunda viagem. A segunda esfera importante de discordância é o número de visitas de Paulo a Jerusalém. As cartas de Paulo fazem referência a apenas três: três anos depois da sua conversão, quando da reunião do concílio apostólico e na ocasião em que, ao fim da terceira viagem missionária, ele entregou o dinheiro coletado. As duas visitas adicionais mencionadas em Atos - para socorrer os que passavam fome (11.27-30) e entre a segunda e terceira viagens missionárias (18.22) - são, por esse motivo, consideradas não - históricas. Alguns esquemas revisionistas divergem em muitos outros pontos do esboço tradicional da vida de Paulo baseado na seqüência de Atos.

É, porém, questionável se essas revisões são úteis, ou mesmo necessárias. Os escritos do próprio Paulo são, de fato, o material básico para um estudo da sua vida. Mas, uma vez que seus próprios escritos não fornecem os dados necessários para organizar uma cronologia da sua vida, é totalmente legítimo procurar outras fontes. Atos deve ser considerado uma fonte confiável desses dados. Esse livro foi escrito, como já sustentamos (veja o cap. 6 acima), por Lucas, um companheiro de Paulo e podemos esperar que as informações de Lucas sobre os movimentos do apóstolo sejam bastante válidas. Além do mais, temos encontrado bons motivos para respeitar a exatidão histórica de Lucas. Isso não significa que devemos preferir Atos às cartas de Paulo quando diferem entre si. Mas muitas das diferenças que têm sido encontradas são produto de certas interpretações específicas que não são, de modo algum, as únicas possíveis. Uma comparação cuidadosa das declarações que Paulo faz sobre seus movimentos com os registrados em Atos revela um surpreendente grau de correspondência. Simplesmente não é legítimo considerar Atos uma fonte secundária na reconstrução de uma biografia de Paulo. De forma que utilizaremos Atos como uma fonte chave no esboço, apresentado a seguir, da carreira missionária de Paulo e de sua cronologia. Depois de, baseados tanto em Atos quanto nas epístolas, estabelecermos uma seqüência relativa de movimentos, faremos um esforço para chegarmos a uma cronologia absoluta.

### Um Esboço da Carreira Missionária de Paulo

**Da conversão de Paulo à primeira viagem missionária** Os dados decisivos para estabelecer uma cronologia relativa desse período inicial provêm de Gálatas 1.13-2.10. Nesse trecho Paulo relata seu relacionamento com os apóstolos em Jerusalém para demonstrar que a autoridade apostólica que possuía não provinha deles. Ele nos conta que, como cristão, foi pela primeira vez a Jerusalém três anos depois de sua conversão "para conhecer Pedro" (1.18, BLH) e que retornou a Jerusalém "catorze anos depois" (2.1)

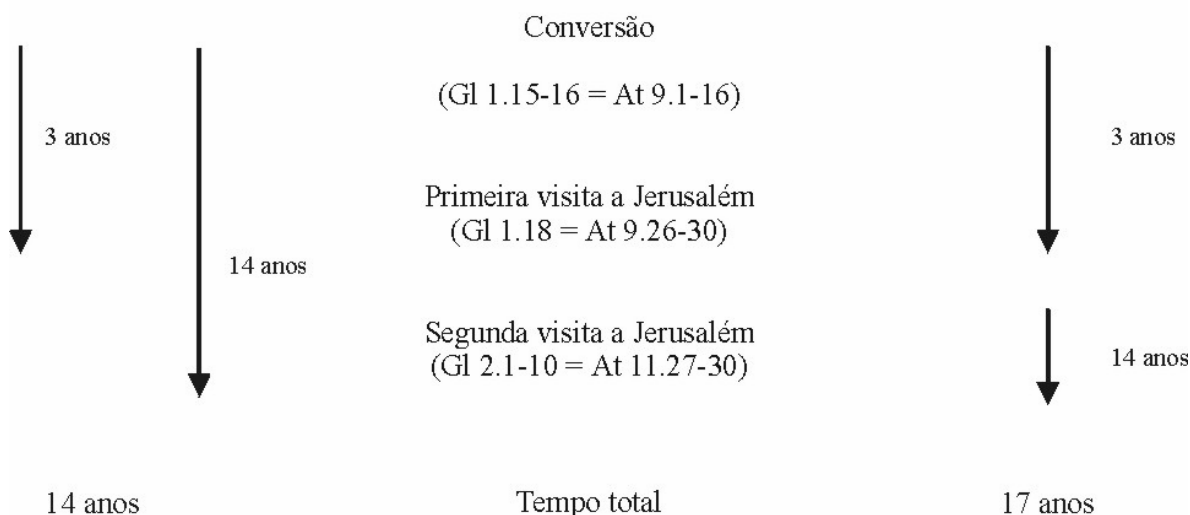


para expor aos apóstolos de Jerusalém o evangelho que estava pregando entre os gentios. As duas perguntas principais suscitadas por essa seqüência são: A que visitas em Atos correspondem as duas idas a Jerusalém que Paulo menciona aqui? E: Como devemos entender a seqüência "decorridos três anos" e "catorze anos depois"?

A primeira visita de Paulo a Jerusalém é claramente a mesma que Lucas cita em Atos 9.26-30. Mas será que a viagem de Gálatas 2.1 deve ser identificada com a ida de socorro aos famintos de Atos 11.27-30, ou com a ida ao concílio apostólico de Atos 15? Muitos estudiosos têm defendido esta última possibilidade. Destacam que a maneira de Paulo tratar essa viagem como uma ida em que cuidou de questões acerca de seu evangelho aos gentios enquadra-se nas circunstâncias do concílio de Atos 15. Mas há detalhes na descrição feita por Paulo que não correspondem muito bem à situação de Atos 15, e as circunstâncias da carta aos Gálatas sugeriu que ela foi escrita antes do concílio apostólico (veja adiante o cap. 10). Isso exigiria que Gálatas 2.1 fosse uma referência à visita de socorro aos famintos de Atos 11.27-30.

Aceitando-se essas identificações, os indicadores específicos de tempo que Paulo apresenta nessa passagem devem ser valiosíssimos na elaboração de uma cronologia relativa da vida de Paulo. Mas, ao contrário do que parece à primeira vista, esses indicadores não são tão claros. Geralmente se aceita que os "três anos" de Gálatas 1.18 indiquem o tempo transcorrido entre a conversão de Paulo (1.15-16) e sua primeira ida a Jerusalém. Mas será que os "catorze anos" de 2.1 também são contados a partir da conversão de Paulo ou da sua primeira ida a Jerusalém?" A primeira interpretação resulta na seqüência A; a segunda, na seqüência B.

### Cronologia Paulina: Duas Versões



Por dois motivos, provavelmente deve-se dar preferência à seqüência A. Em primeiro lugar, a proeminência da conversão de Paulo em Gálatas 1 sugere que ele está pensando nesse evento em suas indicações de tempo. Em segundo lugar, essa seqüência harmoniza-se melhor com outros indicativos cronológicos que analisaremos abaixo.

Há ainda outra questão sobre a qual é preciso tomar uma decisão: será que Paulo está contando os anos inclusiva ou exclusivamente? O método exclusivo é aquele a que estamos acostumados: o intervalo entre o evento X e o evento Y é o intervalo entre os

anos em que ocorrem os eventos. Se a conversão de Paulo ocorreu em 33 d.C., então sua primeira ida a Jerusalém "decorridos três anos" (Gl 1.18) teria se dado em 36. O método inclusivo de computar um intervalo entre o evento X e o evento Y inclui os anos em que os eventos ocorreram bem como os anos entre um evento e outro. Isso significaria que o intervalo entre a conversão de Paulo e sua primeira ida a Jerusalém pode ter sido de apenas um ano e alguns meses (se, por exemplo, a conversão aconteceu no final de 33 e a vida no início de 35), e o intervalo entre sua conversão e sua segunda ida a Jerusalém de apenas doze anos e alguns meses. Conquanto essa seja uma questão debatida, em geral acredita-se que o método inclusivo era mais típico do mundo antigo, e por esse motivo podemos preferi-lo ao interpretarmos Gálatas 1-2.

Com base nos dados fornecidos por Gálatas 1-2, suplementados por Atos 9-11, podemos reconstruir os primeiros anos do trabalho missionário de Paulo. Depois de sua conversão, ele permaneceu um breve período em Damasco (At 9.19b) antes de partir para a "Arábia" (Gl 1.17). Aqui Paulo está-se referindo não à península da Arábia, mas ao Reino Nabateu, a nordeste do Mar Morto. Alguns pensam que Paulo passou o tempo na Arábia meditando e elaborando com afinco sua teologia, e é provável que parte do tempo foi gasto nisso, considerando a mudança drástica de perspectiva ocasionada por sua experiência na estrada de Damasco. Mas é improvável que esse tenha sido simplesmente um período de retiro. Dificuldades posteriores que Paulo teve com Aretas, o rei dos nabateus, são fortes indícios de que teve um ministério ativo durante esse período (2 Co 11.32). Depois de um período indeterminado, Paulo voltou novamente a Damasco (Gl 1.17; At 9.20-22?), onde seu ministério foi abreviado por uma tentativa de judeus e do "governador preposto do rei Aretas" de prendê-lo ou matá-lo (2 Co 11.32; At 9.23-24). Tendo fugido num cesto descido de uma janela localizada no muro da cidade (2 Co 11.33; At 9.25), Paulo visitou Jerusalém pela primeira vez desde sua conversão, talvez pouco mais de dois anos completos depois daquele venturoso acontecimento. Embora inicialmente desconfiados desse famoso perseguidor da igreja, os discípulos em Jerusalém foram persuadidos por Barnabé a receberem Paulo (At 9.26-27). Paulo passou 15 dias conhecendo Pedro, sem encontrar nenhum dos outros apóstolos, à exceção de Tiago, o irmão do Senhor (Gl 1.18-19). Aceito por seus irmãos em Cristo, Paulo foi rejeitado pelos seus antigos colegas: certos Judeus gregos" (NVI, "tentaram matá-lo, e ele foi obrigado a fugir para Tarso", At 9.28-30; veja Gl 1.21).

Algum tempo depois, Barnabé, que havia sido enviado de Jerusalém para investigar informações de que gregos em grande número estavam-se tornando cristãos em Antioquia, chamou Paulo, que estava em Tarso, para participar do trabalho em Antioquia (At 11.25-26a). Uma vez que Lucas nos informa que Barnabé e Paulo passaram um ano com a igreja em Antioquia (At 11.26b) e uma vez que durante esse período ocorreu a viagem de socorro aos famintos (At 11.27-30), a chegada de Paulo a Antioquia deve ter acontecido aproximadamente 12 ou 13 anos depois de sua conversão. Isso significa que Paulo passou quase dez anos em Tarso, e foi talvez durante esses anos que aconteceram algumas das coisas que Paulo menciona, mas que não são narradas em Atos (veja 2 Co 11.22-27).

**Da primeira viagem missionária de Paulo até sua morte** Quanto à segunda etapa de sua carreira missionária - a partir da primeira viagem missionária o até o final da vida - Paulo não fornece qualquer seqüência de acontecimentos ou indicadores cronológicos que se comparem com o que ele nos apresenta em Gálatas 1-2 sobre a primeira etapa de sua carreira. Dependemos quase que totalmente de Atos para estas informações. Infe-

lizmente, embora nos ofereça um relato relativamente objetivo dessa etapa da vida de Paulo, que em momento algum contradiz os próprios comentários autobiográficos dispersos de Paulo, Lucas é, com certas exceções importantes, notoriamente vago no que diz respeito à cronologia. Ele gosta de utilizar expressões tais como "muitos dias", "alguns dias depois" e "por esse tempo", que são de pouca ajuda para calcular o tempo decorrido.

Por exemplo, Lucas introduz a primeira viagem missionária em Atos 13.1-3 sem qualquer indicação sobre sua relação temporal com os outros acontecimentos que ele vinha narrando. Apesar disso, provavelmente devemos considerar a narrativa como uma continuação da história sobre Antioquia iniciada em 11.19-30. Sendo assim, podemos supor que o período de "todo um ano" de ministério em Antioquia mencionado em 11.26 é o tempo transcorrido desde que Paulo juntou-se a Barnabé até eles partirem na primeira viagem missionária. Essa viagem levou Barnabé, Paulo e - durante parte do caminho - João Marcos até à terra de Barnabé, a ilha de Chipre, e algumas cidades no sul da Galácia, a saber, Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe (At 13.4-14.26). Cálculos sobre o tempo necessário para fazer essa viagem de cerca de 2.200 quilômetros variam de um a cinco anos." A melhor conjectura é aproximadamente 18 meses, mas simplesmente não temos meios de saber com certeza.

Depois da primeira viagem, Paulo e Barnabé passaram "não pouco tempo" em Antioquia (At 14.28; cf. Gl 2.11-14), antes de irem a Jerusalém para o concílio apostólico (15.22). Então voltaram a Antioquia por algum tempo (15.30-33), onde uma divergência sobre se João Marcos teria qualificações para retomar o serviço missionário levaram os dois a se separarem (15.36-). A segunda viagem missionária de Paulo levou-o ao sul da Galácia, a uma rápida passagem pela Ásia Menor, em seguida à Macedônica - em especial às cidades de Filipos (veja 1 Ts 2.2), de Tessalônica (veja 1 Ts 2.2; Fp 4.15-16) e de Beréia (At 17.10-15) - e depois à Acaia, visitando Atenas (veja 1 Ts 3.1) e Corinto (veja 2 Co 11.7-9). Lucas não fornece qualquer referencial de tempo até Paulo chegar a Corinto: ele menciona que Paulo permaneceu ali por um período de 18 meses (At 18.11). Essa referência talvez indique apenas o período em Corinto antes do incidente com Gálio (18.12-17)," mas provavelmente indica o tempo total gasto em Corinto. Uma vez mais é difícil calcular o tempo necessário para a segunda viagem - cerca de 4.500 quilômetros - mas as indicações são de que Paulo não passou muito tempo em nenhuma cidade antes de Corinto, de modo que dois anos pode ser uma estimativa razoavelmente correta.

Depois de voltar a Jerusalém (implícito em At 18.22, com sua referência à "igreja"), Paulo foi a Antioquia, onde passou "algum tempo" (18.23). Essa estada, entretanto, provavelmente não foi demorada, pois Paulo teria estado ansioso por voltar a Éfeso, onde deixara Priscila e Áquila (18.19). Assim mesmo ele atravessou, sucessivamente a região da Galácia e Frígia" (18.23; provavelmente a referência é à região frígia da Galácia) antes de chegar a Éfeso (19.1; veja 1 Co 16.8). Não é claro quanto tempo Paulo passou ali. Em Atos 20.31 Paulo diz aos presbíteros da igreja em Éfeso que passara "três anos" com eles. Mas isso poderia ser um arredondamento (contagem de modo inclusivo) do período de dois anos e três meses especificados em 19.8, 10. É possível, porém, que Lucas não tenha pretendido que esses dois versículos fossem uma soma de toda a estada em Éfeso. O mais seguro é concluir que Paulo passou em Éfeso um período que vai de dois anos e três meses a três anos. De Éfeso Paulo dirigiu-se para o norte, rumo à Macedônia, onde encontrou-se com Tito, que voltava de Corinto (At 20.1; cf. 2 Co 2.12-13).

Alguns estudiosos especulam que pode ter sido nessa época que Paulo ministrou no Ilírico (atuais Albânia e Iugoslávia; veja Rm 15.19), embora nem Atos nem Paulo descrevam essa viagem. Paulo provavelmente passou o inverno em Corinto (sua estada de três meses na Grécia [At 20.2-3; cf. 2 Co 9.4]), antes de voltar pelo mesmo caminho a Cesaréia e Jerusalém (20.3-21.16). Essa viagem, de aproximadamente 4.300 quilômetros, deve ter consumido pelo menos três anos e meio e provavelmente quatro ou cinco.

Bem pouco depois de chegar em Jerusalém, Paulo foi preso pelas autoridades romanas sob suspeita de ter fomentado um tumulto no templo (At 21.27-36). Logo depois Paulo foi transferido para Cesaréia, onde passou dois anos (At 24.27). Depois Paulo foi enviado a Roma, numa viagem que começou no outono (o "Dia do Jejum" de 27.9 é com quase toda certeza o Dia da Expição) e terminou na primavera, depois de três meses como náufragos na ilha de Malta (28.11). O relato de Lucas termina com Paulo em prisão domiciliar em Roma durante dois anos (28.30-31).

Muitos pensam que a vida de Paulo acabou a essa altura, mas duas considerações apontam decisivamente para a existência de um intervalo maior antes de sua morte. Em primeiro lugar, relatos aparentemente confiáveis da igreja primitiva associam a morte de Paulo à perseguição que Nero moveu contra os cristãos em 64-65 d.C. Mas é improvável que a estada de dois anos de Paulo em Roma nos leve a esta data tão tardia (veja abaixo). Em segundo lugar, as evidências existentes nas epístolas pastorais apontam para um período posterior de ministério no Mediterrâneo oriental depois da prisão romana de Atos 28.30-31 (veja adiante o cap. 15). De forma então que, com quase toda certeza, Paulo foi solto de sua primeira prisão em Roma para mais um período de ministério. Não é certo se esse ministério levou Paulo à Espanha, conforme planejava originalmente (veja Rm 15.24).

### **A Cronologia da Carreira Missionária de Paulo**

Combinar as evidências de Atos com as indicações existentes nas cartas de Paulo dá-nos condições de estabelecer uma cronologia relativa da vida de Paulo. Mas, visto que nem Lucas nem Paulo nos fornecem datas absolutas na carreira de Paulo, a determinação de datas absolutas depende da correlação de eventos mencionados em Atos e em Paulo com datas verificáveis extremamente. O mais importante desses eventos é a audiência de Paulo com Gálio, o procônsul romano da Acaia, enquanto estava em Corinto na segunda viagem missionária. Inscricões nos permitem determinar que Gálio foi procônsul da Acaia de julho de 51 a julho de 52. Lucas sugere que Paulo partiu de Corinto logo depois do encontro com Gálio - em Atos "algum tempo" (18.18, NVI) sempre denota um período bastante curto (veja também 9.23, 43; 27.7). Isso significa que as possibilidades mais extremas para a estada de 18 meses de Paulo em Corinto são da primavera de 49 ao outono de 51 e da primavera de 50 ao outono de 52. Se, como muitos conjecturam, os judeus se aproveitaram da mudança de procônsul para fazer pressão no seu processo contra Paulo, a primeira possibilidade é ligeiramente mais provável. As duas seqüências de datas também harmonizam-se com a referência feita por Lucas ao edito de Cláudio (18.2), que provavelmente foi publicado em 49.

Essa data relativamente garantida no meio da carreira missionária de Paulo é um ponto fixo a partir do qual podemos confirmar a questão cronológica tanto para trás quanto para frente. Calculando primeiramente para trás, uma chegada de Paulo em Corinto na primavera de 49 d.C. colocaria o início da segunda viagem missionária em algum mo-

mento no verão ou outono de 48. O concílio apostólico deve ter ocorrido pouco antes disso, provavelmente também em 48, com a primeira viagem missionária em 46-47 ou 47-48. Por sua vez isso coloca a ida de Paulo a Jerusalém para socorrer os famintos em 45-47. Essa data harmoniza-se com referências que Josefo faz a uma grande fome em 45 ou 46. Um problema com essa data de visita de socorro aos famintos é que a morte de Herodes Agripa I, narrada por Lucas no capítulo seguinte (12.19b-23), ocorreu em 44. Mas há fortes motivos para pensar que nesse trecho Lucas organizou o material por temas e que a descrição da morte de Agripa é aí colocada simplesmente porque é uma continuação natural do relato da perseguição que infligiu aos crentes (12.1-19a).

Se a visita de socorro aos famintos foi em 45-47 d.C. e os "catorze anos" de Gálatas 2.1 são interpretados de modo inclusivo a partir da conversão de Paulo (veja acima), então seria possível atribuir à conversão de Paulo uma data entre 32 e 35 d.C. Duas outras considerações limitam a data da conversão de Paulo. Em primeiro lugar, certo tempo, provavelmente pelo menos um ano, deve ter transcorrido entre a crucificação de Jesus e a conversão de Paulo, para dar espaço para os acontecimentos de Atos 1-8. Se a crucificação ocorreu em 30 d.C., então toda uma gama de datas - 32 a 35 - ainda está em aberto. Mas, se Jesus foi crucificado em 33, então estamos restritos ao limite superior dessa gama. Em segundo lugar, a referência de Paulo ao envolvimento do rei Aretas no esforço por prendê-lo em Damasco (2 Co 11.32) pode favorecer uma data para esse evento posterior a 37, visto que, conforme se pensa, só depois dessa data e que Aretas teria tido qualquer influência em Damasco. E, como vimos, a fuga de Paulo de Damasco deve ter acontecido mais ou menos dois anos após a sua conversão. Embora haja considerável incerteza quanto à data da crucificação de Jesus, esses dois fatores favorecem ligeiramente o limite superior de nossa gama de datas possíveis para a conversão de Paulo - talvez 34 ou 35. As dificuldades na interpretação da referência de Paulo a Aretas não permitem qualquer dogmatismo, de sorte que não se pode excluir a possibilidade de a conversão de Paulo ter ocorrido numa data mais recuada.

Calculando para frente a partir da data de Gálio, encontramos Paulo terminando a segunda viagem missionária no final do verão ou no outono de 51 d.C. e começando a terceira viagem provavelmente logo em seguida, talvez na primavera de 52. Não é certo quanto tempo Paulo teria levado para chegar a Éfeso, mas podemos supor que esteve naquela cidade a partir de meados ou fins de 52 até meados ou fins de 55. Depois de partir de Éfeso, Paulo pode ter passado um bom tempo na Macedônia ou ter viajado para o Ilírico; de qualquer forma, é improvável que ele tenha iniciado sua viagem de volta à Palestina antes da primavera de 57. Essa conclusão baseia-se no crescente consenso entre os estudiosos de que Festo deve ter substituído Félix como governador da Judéia em 59. Uma vez que sabemos que os dois anos que Paulo esteve preso em Cesaréia terminaram pouco depois de Festo substituir Félix (At 25.1-12), logo, ele deve ter voltado à Palestina na primavera de 57. (Sabemos que a volta de Paulo a Jerusalém aconteceu na primavera porque a Festa dos Pães Asmos ocorreu durante a viagem [At 20.61 e porque Paulo estava ansioso por chegar a Jerusalém antes de Pentecostes [20.16]).

Se esse raciocínio está correto, Paulo começou sua viagem a Roma no outono de 59 ("tendo se tornado a navegação perigosa, e já passado o tempo do Dia do Jejum", em At 27.9, mostra que era outono) e chegou a Roma na primavera de 60. Pressupondo-se que Paulo foi solto depois do período de dois anos que Lucas menciona em At 28.30-31, ele envolveu-se num ministério adicional no oriente (e.g., Éfeso [veja 1 Tm ] e Creta [veja

Tt J) durante os anos de 62 a 64. Paulo provavelmente voltou a ser preso na ocasião da perseguição por Nero e foi executado pouco depois (64 ou 65). A Tabela 6 traz um sumário de nossas sugestões quanto à cronologia da carreira missionária de Paulo.

**Tabela: Cronologia da Carreira Missionária de Paulo**

<b>Evento</b>	<b>Data provável</b>
Conversão	34-35 d.C. (ou antes)
Ministério em Damasco e na Arábia	35-37
Primeira visita a Jerusalém	37
Ministério em Tarso e na Cilícia	37-45
Visita de socorro aos famintos	45, 46 ou 47
Primeira viagem missionária	46-47 ou 47-48
Conflito apostólico	48 ou 49
Segunda viagem missionária	48-51 ou 49-51
Terceira viagem missionária	52-57
Prisão em Cesaréia	57-59
Viagem a Roma	59-60
Prisão em Roma	60-62
Ministério no Oriente	62-64
Morte	64-65

### **AS CARTAS DE PAULO (E AS CARTAS NEOTESTAMENTÁRIAS EM GERAL)**

Dos 27 livros do Novo Testamento, 21 são cartas, constituindo 35 por cento do texto do Novo Testamento. Paulo é o mais famoso escritor de cartas, com 13 epístolas autênticas. Porque Paulo Tiago Pedro João, Judas, o autor desconhecido de Hebreus escolheram essa forma de comunicação? A pergunta é particularmente oportuna quando constatamos que as cartas não eram um método típico de instrução religiosa entre os judeus.

A resposta provavelmente é dupla. Em primeiro lugar, o movimento cristão primitivo, com o seu crescimento rápido e seus missionários itinerantes, exigia um meio de comunicação à distância. A carta foi a solução óbvia. A importância religiosa duradoura das cartas, no sentido de documentos canônicos e providos de autoridade, foi resultado de uma decisão posterior e não era a intenção à época em que foram escritas. De maneira que os primeiros apóstolos comunicaram seus ensinamentos em cartas porque isso era conveniente e necessário; não estavam deliberadamente criando um novo meio de instrução religiosa. Um segundo motivo possível por que os apóstolos optaram por escrever cartas é a sensação de proximidade pessoal que elas dão. Nos dias de Paulo as pessoas consideravam as cartas como um meio de, à distância, fazerem-se pessoalmente presentes, e isso atendeu perfeitamente as necessidades dos apóstolos de pastorearem seus rebanhos à distância.

#### **As Cartas do Novo Testamento no seu Contexto Greco-Romano**

Embora a comunicação por cartas não fosse de forma alguma desconhecida no mundo do Oriente Médio antigo (veja, e.g., 2 Sm 11.14-; Ed 4-5), foi no mundo greco-romano que as cartas se firmaram como um método popular de comunicação. Por esse motivo,

para ajudar a lançar luz sobre as cartas do Novo Testamento, estudiosos têm se voltado para a teoria e prática da redação de cartas na antigüidade.

A carta greco-romana típica era constituída de endereço e saudação, corpo e conclusão. O endereço e a saudação eram em geral bastante curtos, assumindo tipicamente a forma "A para B, saudações (*chairein*)". Essa fórmula simples acha-se na carta enviada pelo concílio apostólico às igrejas (At 15.23) e em Tiago 1.1. Algumas cartas do Novo Testamento (Hb e 1 Jo) não possuem absolutamente qualquer introdução epistolar levantando dúvidas quanto ao seu gênero. Mas a maioria das cartas do Novo Testamento expande às vezes consideravelmente (veja Rm 1.1-7) - o endereço modifica uma saudação simples numa oração por bênçãos (e.g., todas as, cartas paulinas 1 e 2 Pedro e 2 João) Sem dúvida alguma essa mudança está relacionada com o propósito das cartas e foi facilitada pela semelhança entre *chairein*, "saudação" e *charis*, "graça". Na antigüidade com freqüência as cartas também traziam votos de saúde (veja 3 Jo); o pendor que o Novo Testamento revela por colocar, no início das cartas, ações de graças (todas as cartas paulinas à exceção de Gl, 2 Co, 1 Tm e Tt) ou bênçãos (2 Co, Ef e 1 Pe) reflete talvez essa prática.

Diversos estudiosos têm proposto que podemos identificar fórmulas padronizadas que eram empregadas para fazer a transição entre a introdução da carta e seu corpo. Essas tentativas, contudo, não têm obtido consenso universal e é improvável que alguma fórmula tenha se tornado suficientemente modelar a ponto de justificar que tiremos conclusões sobre o assunto. Não têm tido sucesso as tentativas de identificar uma seqüência típica no corpo das cartas greco-romanas. Os propósitos variados com que as cartas foram escritas levaram, muito naturalmente, a bastante tipos diferentes de corpos de cartas. Entretanto, muitas epístolas do Novo Testamento destacam-se por serem bem mais longas do que seus modelos seculares contemporâneos. (Cícero escreveu 776 cartas, com comprimento entre 22 e 2.530 palavras; Sêneca escreveu 124 cartas, com comprimento entre 149 e 4.134 palavras; as cartas de Paulo têm um comprimento médio de 1.300 palavras, e Romanos tem 7.114). As cartas antigas geralmente terminavam com saudações, e isso também é típico das cartas do Novo Testamento. Estas em geral acrescentam uma doxologia ou bênção.

Este breve apanhado revela que as cartas do Novo Testamento lembram cartas antigas, mas que as semelhanças são de natureza muito genérica. Na realidade, a maioria dos paralelos em geral envolve elementos cuja presença seria necessária em qualquer carta. Há também diferenças entre cartas do Novo Testamento e outras cartas antigas, diferenças estas que provavelmente são produto de influência judaica bem como da situação e propósito especiais com que foram escritas. Essas diferenças são talvez mais numerosas nas cartas de Paulo. Segundo David Aune, "Paulo em especial foi um escritor de cartas ao mesmo tempo criativo e eclético".

O início da classificação de cartas antigas foi a famosa distinção que Adolf Deissmann fez entre "epístolas" (peças de literatura pública cuidadosamente redigidas) e "cartas" (comunicações particulares redigidas sem maior preocupação). Deissmann colocou todas as cartas de Paulo nesta última categoria, alegando que elas traziam as mesmas marcas características de uma redação apressada e de uma ausência de pretensões literárias que se vêem nas cartas - papiros gregas. A distinção de Deissmann era artificial, e hoje em dia geralmente se aceita que não se pode estabelecer distinções tão rígidas entre cartas particulares e públicas. As cartas do mundo greco-romano vão desde cuidadosas

obras-primas de retórica destinadas a uma ampla difusão até "pedidos de dinheiro" curtas e simples. De modo geral, as cartas do Novo Testamento enquadram-se em algum ponto no meio dessa gama, com algumas tendendo mais para a extremidade literária (e.g., Romanos e Hebreus) e outras mais para a extremidade comum (e.g., Filemom e 3 João). Muitos estudiosos têm buscado uma classificação mais exata, freqüentemente trabalhando a partir de categorias estabelecidas mediante um estudo de cartas greco-romanas em geral. Esses estudos, no entanto, até agora não levaram a conclusões sólidas. Provavelmente devemos nos contentar em identificar alguns dos aspectos particulares de cada carta do Novo Testamento e, em pontos específicos, estabelecer paralelos com outras cartas greco-romanas.

### O Uso de Amanuenses

O custo do papiro e o baixo índice de alfabetização significavam que muitas cartas antigas eram ditadas a escribas formados. O uso desses escribas (ou amanuenses) por autores do Novo Testamento é claramente indicado em Romanos 16.22, em que Tércio se identifica como aquele que "escreveu" a carta. Quando um amanuense escrevia uma carta, era comum o escritor acrescentar uma saudação final de próprio punho (veja 2 Ts 3.17 e Gl 6.11). Embora não tenhamos meios de saber com certeza, parece provável que a maioria das cartas do Novo Testamento foi produzida dessa maneira.

Uma questão crucial e debatida é o grau de liberdade que o escritor de uma carta dava ao seu escriba na escolha das palavras da carta. Uma conclusão razoável é que a liberdade dada a um amanuense variava em função da habilidade dele e da natureza do relacionamento entre o escritor e o amanuense. Pode ser, por exemplo, que, quando Paulo empregava um companheiro íntimo e de confiança como amanuense, o apóstolo lhe dava certa dose de liberdade para escolher as exatas palavras da carta - sendo que, podemos supor, Paulo sempre conferiu a carta e atestou com sua saudação final que a carta representava com precisão os seus pensamentos. Muitos estudiosos crêem que é possível explicar com essa hipótese as diferenças entre o grego das epístolas pastorais e o grego dos outros escritos de Paulo (caso em que Lucas, talvez, tenha sido o amanuense; veja 2 Tm 4.11).

### A Compilação das Cartas de Paulo

Paulo escreveu suas cartas ao longo de um período de pelo menos 15 anos, a igrejas e a indivíduos separados por milhares de quilômetros. Como e quando foram elas reunidas num único conjunto, e que implicações esse processo teve para a forma canônica das cartas? Pode-se identificar duas teorias básicas sobre esse processo.

**Teorias de uma compilação repentina.** Muitos estudiosos acreditam que as cartas de Paulo foram negligenciadas depois de enviadas a seus destinatários e que só em certo momento é que alguém tomou a iniciativa de juntá-las. Visto que as primeiras referências claras a um conjunto concreto das cartas de Paulo foram feitas por Marcião, alguns propõem que ele teve algo a ver com o processo. Marcião tinha uma coleção de dez cartas paulinas (ele não incluiu as pastorais). Talvez ele foi o primeiro a reunir as cartas de Paulo. Coleções "ortodoxas" posteriores das cartas (veja, e.g., o Cânon Muratoriano, no final do século II) podem ter sido uma reação a Marcião.



Outra teoria popular atribui à primeira compilação uma data de 50 anos antes. Goodspeed, seguido por John Knox e C. L. Mitton, alega que as cartas de Paulo foram negligenciadas pela igreja depois de terem sido escritas e que a publicação de Atos (que ele data em c. 90 d.C.) levou um seguidor devoto de Paulo a começar uma coleção. De acordo com Goodspeed, esse seguidor foi ninguém menos do que Onésimo (o escravo fugido de Filemom), que escreveu Efésios como uma carta explicativa do conjunto.

A teoria de Goodspeed está passível de objeções em diversos pontos. Efésios provavelmente foi escrita por Paulo (veja adiante o cap. 11); Atos provavelmente foi escrito muito antes de 90 d.C.; e, mais sério ainda, há bons motivos para acreditar que as cartas de Paulo circulavam entre as igrejas muito antes do final do século. O próprio Paulo incentivou que algumas de suas cartas fossem lidas em outras igrejas (veja CI 4.16) e, dada a mobilidade dos cristãos primitivos, certamente é provável que as permuta de cartas começou numa data bem remota. Outro indício na mesma direção é 2 Pedro 3.16 que, embora não refira-se necessariamente a um conjunto completo das cartas de Paulo, fala de diversas cartas de Paulo. Apesar do grande número de estudiosos que atribui a 2 Pedro uma data no início do século II, há bons motivos para atribuir-lhe uma data tão antiga quanto 64 ou 65 (veja adiante o cap. 20). É, então, possível que outro personagem, bem cedo na história da igreja, tenha sido responsável pela compilação. Guthrie, por exemplo, sugere que pode ter sido Timóteo.

**Teorias de uma compilação gradual.** Qualquer identificação de alguém como responsável pela compilação das cartas de Paulo continua sendo total especulação; pode ser, inclusive, que nenhuma pessoa tenha tido um papel importante no processo. Na realidade, caso as cartas de Paulo tenham começado a circular pouco depois de terem sido escritas, talvez o mais provável é que o processo tenha sido gradual. Simplesmente não temos informações suficientes para saber com certeza. Também é impossível saber quando essa coleção ficou completa. Alguns estudiosos acreditam que 1 Clemente (e. de 96 d.C.) pressupõe uma coleção completa; outros estudiosos acreditam, com igual ênfase, que não. Mas Zahn elaborou uma sólida defesa em favor de se atribuir à coleção uma data em algum momento entre a morte de Paulo e o fim do século 1." Qualquer que seja a data, o processo que imaginamos aqui não deixa praticamente qualquer margem para a ampla obra editorial que alguns acreditam que foi acontecendo à medida que as cartas paulinas foram reunidas. Em vez de pensarmos que um editor ou editores formaram o conjunto, reorganizando seu conteúdo, devemos imaginar um processo simples de compilação e, depois, de cópia.